



## Nas páginas do Progresso: visões da modernidade na imprensa suburbana carioca (1900-1922)

Vitor Almeida\*

ALMEIDA, V. Nas páginas do Progresso:  
visões da modernidade na imprensa suburbana carioca (1900-1922).

*História Social*, v. 19 n. 27/28, 2024, pp. 250-282.

<https://doi.org/10.53000/hs.v19i27/28.5311>

---

**Resumo:** O presente artigo pretende analisar as visões da modernidade descritas e propagadas pela imprensa suburbana, em especial pelas perspectivas do progresso e de civilização. O período escolhido refere-se ao momento de grande circulação de jornais e revistas nos bairros que margearam as ferrovias da cidade, manifestando reivindicações por melhoramentos nos locais e exaltando suas qualidades e potencialidades sociais e culturais. Nos deteremos nos jornais e revistas dispostos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, destacando três pontos de maior orgulho para tais grupos das letras suburbanas: a imprensa local, o comércio local e os operários.

**Palavras-chave:** Subúrbio. Imprensa. Modernidade. Progresso.

---

\* Doutorado em andamento em História Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro pela linha Território, Identidades e Representações. Bolsista Faperj.



## On the pages of Progress: views about modernity in the carioca suburban press (1900-1922)

Vitor Almeida

---

**Abstract:** This article aims to analyze the views about modernity described and propagated by the suburban press, especially from the perspectives of progress and civilization. The chosen period refers to the time of great circulation of newspapers and magazines in the neighborhoods that border the city's railways, expressing demands for improvements in the places and extolling their social and cultural qualities and potential. We will focus on the newspapers and magazines displayed in the Hemeroteca Digital of the Biblioteca Nacional, highlighting three points of greatest pride for these groups of suburban letters: the local press, local commerce and workers.

**Keywords:** Suburbs. Press. Modernity. Progress.

## Introdução

A temática suburbana nos estudos do campo das Ciências Humanas e Sociais ganhou força neste primeiro quarto do século XXI. Em um cenário de megaeventos internacionais que tiveram a cidade do Rio de Janeiro como palco principal<sup>2</sup>, mudanças no espaço urbano foram feitas, promovendo diversas disputas e reivindicações por melhorias de vidas especialmente nas favelas e bairros suburbanos da cidade.

Ao longo deste processo, é notável um importante marco nas análises sobre a questão suburbana: a pesquisa do geógrafo Nelson da Nóbrega Fernandes<sup>3</sup> deixa contribuição que abre um panorama de observação sobre a categoria subúrbio no Rio de Janeiro e seus bairros, rompendo com a tríade “subúrbio-trens-proletário” que levou ao rapto ideológico da categoria ao longo do século XX. Para Fernandes, a formação do subúrbio carioca e de seus bairros possui diferentes agentes de produção do espaço, ampliando o debate acerca da categoria. As ações de entes públicos e privados; da própria população; do comércio e da indústria; da ampliação dos bondes e os consequentes loteamentos das antigas fazendas promoveram heterogeneidade social e econômica no subúrbio, modificando e estabelecendo novas geografias, arquiteturas, sociabilidades, estratégias e táticas de negociação e formação de redes, afetos e relação com a própria cidade ampliam as possibilidades de definição do termo “subúrbio carioca”.

Respaldados por Fernandes, estamos cientes do rapto ideológico pelo qual passou a região suburbana ao longo do século XX, processo que deprecia sua história e deixou como legado um perfil de desqualificação às suas formas de expressão e de viver a cidade. Por isso nos valemos do dever do ofício do historiador em trazer novos olhares sobre o passado,

---

<sup>2</sup> O Rio de Janeiro recebeu ou foi epicentro, entre 2007 e 2016, dos seguintes eventos: Jogos Pan-Americanos (2007); Jogos Militares (2011); Jornada Mundial da Juventude (2013); Copa das Confederações (2014); Copa do Mundo de Futebol Masculino (2014); Jogos Olímpicos (2016).

<sup>3</sup> FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio:** Rio de Janeiro 1858-1945. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

buscando nas fontes as respostas para as nossas perguntas. Acreditamos, com isso, na existência de um período em que nos subúrbios do Rio de Janeiro circularam ideais de progresso e apropriação das modernizações implantadas na cidade nas duas primeiras décadas do século XX, período esse que denominados de *belle époque suburbana*.

Jean-Yves Mérian<sup>4</sup> mostra que a expressão *belle époque* resume o estilo de vida em uma “sociedade contrastada em que uma pequena minoria desfrutava das benesses do progresso [e] a classe média conquistava lentamente um melhor nível de vida, principalmente nas cidades”. Como momento de ascensão de uma burguesia que aproveitava tais mudanças, o período pós-guerras viu a emergência do saudosismo, o qual Mérian afirma que

Para os sobreviventes, o período que antecederá esta carnificina, a saudade de uma época de mais de quarenta anos de paz, de progresso científico, tecnológico, material, dissimulou em parte as duras realidades vividas pela maioria da população. Se elaborou progressivamente a ideia de uma “idade de ouro”, o mito de uma Belle Époque<sup>5</sup>.

Se em termos saudosistas a sociedade que presenciou os horrores dos conflitos mundiais forjou a expressão de saudade de uma época em que a humanidade – leia-se “o mundo sob influência das imposições das grandes potências mundiais europeias da época” – teria chegado ao clímax dos avanços materiais, rompendo com a obscuridade do passado através das certezas tecnológicas e científicas, nos apropriamos dessa expressão para lançá-la sobre a realidade dos bairros suburbanos.

<sup>4</sup> MÉRIAN, Jean-Yves. A belle époque francesa e seus reflexos no Brasil. In. PINHEIRO, Luís da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques (orgs.). **A Belle Époque Brasileira**. Lisboa: CLEPUL – Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

<sup>5</sup> **Ibdem**, p. 135.

Lúcia Maria Paschoal Guimarães<sup>6</sup> mostra os paradoxos desta época, quando se trata de Brasil. Para a historiadora, é uma época “identificada com as práticas culturais aristocráticas do eixo Paris-Londres”, sendo “a nossa *Belle Époque* [coincidente] com a derrocada da monarquia e a gênese do regime republicano, alcançando seu apogeu nas duas primeiras décadas do século XX”. Ainda destaca que é de comum acordo na historiografia brasileira que um dos símbolos deste período é a Grande Reforma Urbana<sup>7</sup> “que deu feições brancas e europeias à capital federal, transformando-a em vitrine do novo regime”. É característico destes novos tempos, entre as modas e espetáculos, “o cosmopolitismo da modernidade, e os cronistas do mundanismo carioca - a exemplo de Paulo Barreto, o popular João do Rio - davam o tom, orientando a vida *chic*”<sup>8</sup>.

Como parte do exercício do historiador, devemos reivindicar o questionamento feito por Jacques Le Goff: “será legítimo que o historiador reconheça como moderno o que as pessoas do passado não sentiram como tal?”<sup>9</sup>. Alguns sinais podem ser vistos nas fontes.

Em julho de 1907 a revista *Fon Fon* notava que “com jornal, incêndios, carros para damas delicadas, não é de admirar que amanhã tenham os subúrbios também a sua praia de Botafogo, com *gentlemen*, *snobs*, *smarts* e outros moluscos da coleção do Victor Vianna”<sup>10</sup>. Os acontecimentos e mudanças ocorridos nos até então pacatos subúrbios do Rio de Janeiro surpreendiam; o bairro de Botafogo era usado como referência comparativa para estabelecer o que surgia de novo nos arrabaldes da cidade. Vale notar

<sup>6</sup> GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Paradoxos da Belle Époque tropical. In. CHAVES, Vânia Pinheiro (coord.). **Flagrantes da Literatura Brasileira da Belle Époque**. Lisboa: Ed. Esfera do Caos, 2013.

<sup>7</sup> Em sua tese de doutorado, André Nunes Azevedo apresenta a ideia da Grande Reforma Urbana, sendo a conjugação das intervenções municipais e federais urbanas sobre a cidade do Rio de Janeiro, durante os governos de Francisco Pereira Passos e Rodrigues Alves. Cf. AZEVEDO, André Nunes. **A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro**: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as Ideias de Civilização e Progresso. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Mauad X, 2016.

<sup>8</sup> **Ibidem**, p. 69-70.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 7<sup>a</sup> ed., 2013, p. 163.

<sup>10</sup> **Revista Fon Fon**, 27 de julho de 1907, p. 4.

que a observação feita pela revista ocorre poucos anos após a Grande Reforma Urbana. Como afirmaria o então presidente Rodrigues Alves na fala inaugural de seu governo, “a capital da República não pode continuar a ser apontada como sede de vida difícil, quando tem fartos elementos para constituir o mais notável centro de atração de braços, de atividades e de capitais nesta parte do mundo”<sup>11</sup>.

A surpresa da revista em relação aos subúrbios tem respaldo no que dizem os dados censitários<sup>12</sup>, os quais mostram que entre 1890 e 1906 a região teve um aumento populacional de cerca de 50%, frente aos 55% relativos ao total da cidade. Suburbanos, em 1890, representavam 17,77% da população da capital, e em 1906 é de 22,88%. Há aí um crescimento de cerca de 32% na população suburbana em relação ao total municipal. Incêndios e mudança nos costumes são destacados pelo trecho introdutório junto com outro elemento que mostra o desenvolvimento de novas formas de expressão e mobilização nos bairros suburbanos: uma imprensa que noticiava o cotidiano nas localidades.

Os desejos de melhoramentos nos bairros que cresciam e se desenvolviam em termos populacionais e em suas estruturas materiais e imateriais tiveram na imprensa suburbana uma importante ferramenta de reivindicação. Entre os anos de 1900 e 1922, jornais e revistas criados nos bairros que margeavam a linha férrea atuaram não apenas com seus posicionamentos e reivindicações por atenção do poder público na mesma forma que era dispensada para as áreas centrais, como também como veículos de promoção da identidade social e produção cultural que ocorria nestas localidades.

Como é observado no documento de recenseamento de 1906, essa região era como “uma imensa cidade nova ligada à antiga” pelas linhas

<sup>11</sup> **Manifesto Inaugural de Francisco de Paula o Rodrigues Alves**, 15 de novembro de 1902, p. 11-12. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/rodrigues-alves/discurso/Rodrigues%20Alves%20-%20Manifesto%20Inaugural%201902.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2024.

<sup>12</sup> IBGE. **Recenseamento do Distrito Federal**: realizado em 20 de setembro de 1906. Disponível em: [ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv49678.pdf](http://ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv49678.pdf). Acesso em: 2 ago. 2024.

férreas. Estabelecida em cada parada estava “uma cidadezinha pitoresca, com as suas chácaras, suas igrejas, as suas fábricas, as suas escolas e as suas vilas operárias”<sup>13</sup>. Estavam ali os elementos que apontavam o processo de transição do rural para o urbano; o subúrbio atravessava as vias do que sugerimos ser uma “modernidade suburbana”, com suas características de áreas em transição às margens geográficas da expansão urbana.

Na esteira da constituição de uma nova lógica social nos bairros suburbanos nesse período, indagamos: de que forma passavam em suas páginas sobre as visões de progresso e civilização que circulava? Como eram apropriadas pelos jornais e revistas, passando ao público leitor? Como se estabeleciam não apenas como ferramentas de reivindicações, mas faziam uma disputa que comparava as áreas mais favorecidas com os emergentes bairros suburbanos? Neste artigo trataremos de explorar essas perguntas, buscando identificar como grupos e agentes sociais, culturais e políticos mobilizaram nos bairros suburbanos os ideais de progresso e civilização para produzir e fortalecer a sua identidade frente ao que se percebia como preferência de investimentos públicos para determinadas áreas centrais da cidade em detimentos de suas localidades.

Serão analisados os jornais e revistas disponibilizados na Hemeroteca Digital dentro do período estabelecido. Estão disponíveis na plataforma treze títulos que têm em seus nomes as palavras “subúrbio” e suas variações – “suburbano” e “suburbana”. Entretanto, acompanhando a parcialidade do trabalho aqui apresentado, buscaremos nos editoriais destes jornais e revistas os dados que convirem para compor a proposta, entendendo que tais seções representam o posicionamento central dos periódicos analisados e refletem a perspectiva de seu corpo editorial. Traremos também, quando necessário apontar uma observação a respeito de um desses periódicos ou de seus proprietários e partícipes, o cruzamento com jornais e revistas da grande imprensa. Dessa forma, desenvolveremos a integralidade das fontes, sua trajetória e de seus componentes ao longo da pesquisa de doutorado em curso.

---

<sup>13</sup> **Ibdem**, p. xliv.

## Modernidade, progresso e civilização: um breve panorama conceitual

A modernidade é o resultado ideológico do modernismo. Mas ideologia do inacabado, da dúvida, e da crítica - a modernidade é também impulso para criação, ruptura declarada com todas as ideologias e teorias da imitação, cuja base é a referência ao antigo e a tendência ao academismo<sup>14</sup>.

O trecho destacado de Jacques Le Goff aponta um direcionamento pelo que pretendemos seguir. A modernidade, como uma ideologia que organiza as aspirações e expressões de transformação da sociedade sob influência da Segunda Revolução Industrial, torna incessante sua busca por romper as amarras que impedem o avanço dessas rápidas mudanças que ocorriam. O moderno, efêmero que promove a dúvida e, como é dito por Zygmunt Bauman, uma tensão histórica entre a existência social e sua cultura, assumindo uma tarefa incessantemente inconclusa<sup>15</sup>. Importante observar nos debates sobre o “moderno” o que é também apontado por Jacques Le Goff: “o par [antigo/moderno] e seu jogo dialético são gerados por ‘moderno’, e a consciência da modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado”<sup>16</sup>. Sendo o subúrbio carioca um espaço em transição do rural para o urbano, a apropriação por seus agentes sociais das expressões e novidades que chegavam à cidade demonstram como eram sintetizadas tais manifestações, especialmente no campo das ideias, sendo traduzidas nas páginas de jornais e revistas suburbanos.

Segundo André Nunes de Azevedo<sup>17</sup>, as noções de progresso e civilização ganham novos contornos conceituais na virada do regime imperial para o republicano. Dessa forma, a ideia de ruptura com o passado

<sup>14</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 7<sup>a</sup> ed., 2013, p. 182.

<sup>15</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 17.

<sup>16</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 7<sup>a</sup> ed., 2013, p. 163.

<sup>17</sup> AZEVEDO, André Nunes. As noções de progresso do Império à República: transformações recônditas em uma mesma terminologia. **Outros Tempos**, vol. 13, n. 22, 2016, p. 69-88.

ganha mais intensidade com o avançar da República, enquanto no Império a palavra “progresso” era utilizada abrangendo o campo de significações de civilização, partindo de princípios morais, comportamentais, estéticos, comportamental, cultural, sociopolítico e material<sup>18</sup>. Na República, a civilização, nos termos expostos, deixava de ser o bem maior a ser perseguido pelas elites políticas nacionais, dando lugar à busca pelo progresso enquanto superação do passado em sua síntese material. Esse rompimento com os princípios de uma História universal, linear, cujos preceitos de civilização seguidos pelo Império estruturavam seus alicerces tem no Encilhamento um de seus estímulos, no que diz respeito à reformulação dos princípios sociais. Azevedo nos diz que

ao estimular o enriquecimento e, mesmo, gerar riquezas, ainda que nem sempre duradouras [tributou] cada vez mais valor à posse de bens materiais e a reconhecer o valor social dos indivíduos através dos símbolos de riqueza que ostentava. Assim, foi responsável pelo desencadeamento de uma busca e valorização constante da aquisição material e do que tinha relação com essa dimensão de vida<sup>19</sup>.

Dessa forma, a percepção de rompimento com o passado promovida com a chegada da República concretiza as ideias que penetraram intensamente na sociedade brasileira a partir da década de 1870. O regime republicano e seu “desejo de futuro” promove a dicotomia afirmativa em relação à monarquia: enquanto o antigo regime representava privilégios e, consequentemente, o atraso, a República representaria a exaltação do talento e, enfim, o progresso. As novas ideias materialistas que conjugavam as ideias positivistas de Spencer e Darwin na forma de interpretar a sociedade já circulavam entre a sociedade carioca letrada, sendo capazes de renovar profundamente as mentalidades. Segundo Maria Tereza Chaves de Mello<sup>20</sup>

<sup>18</sup> **Ibdem**, p. 71.

<sup>19</sup> **Ibdem**, p. 79.

<sup>20</sup> MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. **Tempo**, n° 26, vol. 13, jan. 2009,

Valendo-nos de códigos visuais da época, alcançar o progresso exigia o embarque no trem da evolução rumo à estação “civilização”. Um lugar pré-figurado de paisagem definida. Dito em outra escala: uma teleologia que dava direção e sentido ao tempo linear ascendente. A novidade de uma ideia de tempo que tem significado e é significante<sup>21</sup>.

A difusão dessa nova cultura do progresso, suas formas e conteúdos tiveram nas expressões culturais e nas letras suas principais plataformas de divulgação; a imprensa, através do jornal e das revistas ilustradas, é uma dessas ferramentas, a qual atinge o grande público. Neste contexto, diz Mello, a geração que buscava afirmar os novos desejos de rompimento com o passado era “profundamente engajada na vida do país e interessada em decifrá-lo com vista ao seu encaminhamento na senda do progresso e da civilização, no caminho do futuro. Fora dessa estrada, só havia obsolescência e ignorância”<sup>22</sup>. O subúrbio, seus agentes e produtores do espaço atuaram nessa perspectiva ao promover seus bairros, comércio e a atividade da vida social e cultura de suas localidades.

Cientes do trato dado às questões que cercam a ideia de progresso e civilização no período de nossa análise, passemos às fontes selecionadas para serem verificadas em nossa proposta.

## **Os “echos” suburbanos: visões de progresso e civilização na imprensa suburbana**

É uma constante nos grandes jornais que circulavam na cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX a imagem depreciativa com a qual representavam o subúrbio da cidade. Vimos, por exemplo, no início deste trabalho, como a revista *Fon Fon* percebia a apropriação dos símbolos e expressões da modernidade nos bairros suburbanos. Entretanto, como percebeu Leandro Climaco Mendonça em sua pesquisa, “uma fração

---

p. 15-31.

<sup>21</sup> **Ibdem**, p. 18.

<sup>22</sup> **Ibdem**, p. 19.

daqueles moradores dos subúrbios, muitos dos quais homens de letras com inserção no jornalismo, lutaram para instrumentalizar essa imagem a seu favor”. Ao disputar os modos de ver e qualificar seus territórios, “propuseram sentidos e significados procurando transformar estereótipos e preconceitos em vias de se estabelecer como uma característica essencial daqueles bairros, em traço definidor de suas identidades como jornalistas”<sup>23</sup>.

Como dito anteriormente, alguns jornais e revistas produzidos no subúrbio carioca estão disponíveis em acervo digital. Sabemos da existência de outros, disponíveis para consulta física. Entretanto, por ora, usaremos aqueles dispostos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, dentro dos questionamentos pertinentes à presente proposta.

Entre 1900 e 1922, o número de publicações disponíveis no acervo digital soma o total de treze, estando concentradas no que hoje configura a Zona Norte da cidade. Na época, tais bairros compunham as freguesias de Inhaúma e Irajá. Justifica-se essa concentração quando cruzamos com os dados censitários. Comparando os censos de 1890 e 1906, são essas as freguesias que têm um crescimento demográfico considerável: a freguesia de Inhaúma salta de 17.448 para 68.557 habitantes, um crescimento de 292,92%; a freguesia de Irajá cresce de 13.130 para 27.410 habitantes, crescendo em 108,76%<sup>24</sup>.

O número de publicações está assim disposto nos seguintes bairros: Madureira (3); Méier, Engenho de Dentro e Piedade (2, cada); Todos os Santos, Engenho Novo, Inhaúma e Ilha do Governador (1, cada). Destacamos que, no caso do Méier, figuram um jornal e uma revista; no Engenho Novo conta uma revista; e no Engenho de Dentro, um dos jornais é dedicado à causa operária. Assim, vemos que as publicações disponíveis estão concentradas na região de visível crescimento demográfico que demonstramos a partir dos dados censitários expostos.

<sup>23</sup> MENDONÇA, Leandro Clímaco. **Jornalismo como missão:** militância e imprensa nos subúrbios cariocas, 1900-1920. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense. Instituto de História, 2017, p.13-14.

<sup>24</sup> IBGE. **Recenseamento do Distrito Federal:** realizado em 20 de setembro de 1906, p. xliv. Disponível em: [ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv49678.pdf](http://ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv49678.pdf). Acesso em: 5 ago. 2024.

Diante da disposição desse material, devemos tomar como parâmetro as questões que envolvem a produção destas folhas suburbanas. Como afirma Tânia Regina de Luca, é preciso destacar que jornais e revistas não são publicações solitárias, sendo “empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”<sup>25</sup>. Desta forma, vale ressaltar o perfil dos envolvidos na produção desses periódicos é diverso: operários, funcionários públicos, acadêmicos, literatos, militares e jornalistas participavam da escrita e mesmo da direção destas folhas produzidas na zona suburbana.

Não apenas a heterogeneidade da composição desses periódicos é passível de observação para entendermos o que atravessa seus escritores para emitir seus posicionamentos. Em uma conjuntura de transformações sociais e urbanas propícia para o surgimento de jornais e revistas, ser proprietário de um periódico, ou até mesmo ter espaço para escrever neles, era não apenas um importante caminho a ser seguido para se posicionar social e politicamente, como também emergia no contexto da Primeira República como uma oportunidade de trabalho. Nesse sentido, jornais e revistas podem ser encarados como veículos que tornavam evidentes interesses distintos nas disputas e posicionamentos diante principalmente das transformações pelas quais passava a cidade. Como mostra Leandro Climaco Mendonça, “a prática jornalística era um espaço de disputas para a visibilidade de consensos e conflitos em torno das várias dimensões da vida na urbe carioca”<sup>26</sup>.

As escritas nesses jornais e revistas são explícitas na defesa da causa suburbana, o que indica a constituição de múltiplas iniciativas que dialogam com a realidade local. Além disso, devemos atentar à rede polifônica de intelectuais e agentes culturais suburbanos que pensavam o seu espaço e se apropriavam das expressões da modernidade, manifestando, através

<sup>25</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PINSKY, Carla Bassanesi. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2º ed., 2008, p. 140.

<sup>26</sup> MENDONÇA, Leandro Climaco. Nas margens dos trilhos, da cidade e do poder: imprensa suburbana na cidade do Rio de Janeiro, 1889-1940. *Escrítas*. v. 7, n.1, 2015, p. 48.

de suas escritas, o fortalecimento de uma identidade social local em diferentes formas, dando diferentes motivos para valorização da região e de seu progresso. Sendo um momento em que observamos os impactos da Grande Reforma Urbana na então capital do país, as consequências sociais mobilizam a constituição dessas identidades, levando-as à disputa de seu estabelecimento em momentos de rupturas. Dessa forma, como é dito por Michael Pollak, “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”<sup>27</sup>.

Observaremos alguns desses motivos que destacam o progresso suburbano, sendo esses a presença da imprensa; a pujança do comércio local; e a forte presença operária. Outros elementos são destacados nas fontes, como manifestações culturais e artísticas, mas trabalharemos, nesse artigo, com os três citados por entendermos como aqueles que indicam as bases de construção dessa identidade social suburbana em um processo de fortalecimento frente às transformações nas áreas centrais da cidade.

A presença de uma imprensa local é exaltada como fator sintomático da causa do progresso dos bairros suburbanos. As vozes suburbanas, no anseio de se posicionar diante das transformações que ocorriam com o advento da República, utilizavam suas páginas como eixo de inserção da região no processo de mudanças que ocorriam. Valiam-se, assim, do que indica Angel Rama:

A letra apareceu como a alavanca de ascensão social, da respeitabilidade pública e da incorporação aos centros de poder; mas também, em um grau que não havia sido conhecimento pela história secular do continente, de uma relativa autonomia em relação a eles, sustentada pela pluralidade de centros econômicos que a sociedade burguesa em desenvolvimento gerava<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 5.

<sup>28</sup> RAMA, Angel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p. 79-80.

Como instrumento de inserção dos subúrbios no processo civilizatório, jornais e revistas surgem nos bairros suburbanos sob a perspectiva observada por Letícia Cantarela Matheus, quando aponta o importante papel de mediação desses periódicos suburbanos ao mediar a experiência urbana dos agentes atuantes nessas localidades, em seu tempo, graças à sua condição narrativa<sup>29</sup>. A exemplo disso vemos em *O Subúrbio*, jornal com sede no Méier, de propriedade de um dos mais prestigiados jornalistas suburbanos, Xavier Pinheiro, o agradecimento pela receptividade dos leitores pelo esgotamento do terceiro número, e salienta seu papel protetor dos interesses suburbanos: “*O Subúrbio* irá por diante, confiado na proteção dos que amam o lugar onde habitam e desejam o seu adiantamento”<sup>30</sup>.

Vale ressaltar aqui que Xavier Pinheiro, como destacado jornalista suburbano, aparece de forma recorrente nas páginas da revista *Fon Fon*, como quando no artigo “Subúrbios *smarts*” da revista é descrito como “a alma dos subúrbios”, sendo equiparado a Figueiredo Pimentel, destacado escritor, diplomata e jornalista fluminense. A revista *Fon Fon* diz:

*Le suburbe s'éville!* (não é bem francês, mas parece). Um deles, então, o Méier, agita-se de um modo espantoso. Corso, concurso de beleza, bailes, tem havido de tudo e com geral aceitação. O Xavier Pinheiro, a alma dos subúrbios, o redator-chefe do *Subúrbio*, está se tornando o Figueiredo Pimentel daqueles lados. Criou o *Binóculo*, já foi visto ensaiando-se para usar o monóculo, mandou fazer um *smocking*, e está *assuburbiado* de preocupações elegantes<sup>31</sup>.

Os agradecimentos do jornal *O Subúrbio* ao público suburbano indica a boa aceitação local e mostra a formação de não apenas um campo de consumo de leitores, como também um campo de atuação propício para o periodismo. Além disso, o destaque dado a seu redator-chefe em

<sup>29</sup> MATHEUS, Letícia Cantarela. A imprensa dos subúrbios (1900-1920). Contracampo. Niterói (RJ), v. 35, n. 3 dez/2016-mar/2017, p. 10.

<sup>30</sup> **O Subúrbio**, 27 de julho de 1907, p. 1.

<sup>31</sup> **Fon Fon**, 6 de junho de 1908, p. 14.

uma revista ilustrada de tamanha expressão permite que seja observada a dimensão que a apropriação das experiências da modernidade por parte dos subúrbios e seus moradores chamava atenção na grande imprensa.

A expansão urbana rumo aos arrabaldes trouxe como uma de suas consequências a igual ampliação de um público consumidor de bens materiais e costumes que circulavam na área central da cidade, dando margens aos assuntos pertinentes ao trato jornalístico. Como ferramenta de circulação de ideias e posicionamento no processo civilizatório em andamento na cidade, os jornais suburbanos se apropriam desses novos tempos. Como vemos no editorial de estreia da *Tribuna Suburbana*, de propriedade do acadêmico de Direito Raphael Henriques, a folha se posiciona em relação ao seu surgimento no meio do cenário jornalístico suburbano: “É grande, nobilíssima e importante a missão do jornalismo em todo mundo civilizado, e é reconhecendo esta tão alta missão que tímidos entraremos na luta”<sup>32</sup>.

Reconhecendo que o surgimento de um jornal suburbano sinaliza a inserção do subúrbio no “mundo civilizado”, o jornal se coloca no cenário de periódicos, assim como faz o *Echo Suburbano*, de propriedade de Ernesto Nogueiro, ex-trabalhador da Estrada de Ferro Central do Brasil<sup>33</sup>, com sede no Engenho de Dentro, destacando que “um jornal assinala sempre um marco no caminho do progresso: além do aproveitamento do trabalho do operário, há o aproveitamento das aptidões intelectuais dos que escrevem”<sup>34</sup>.

Nesta linha percorre o *Commercio Suburbano*. De propriedade de Manoel Marques Balbino<sup>35</sup>, o jornal situado no bairro da Piedade defendia

<sup>32</sup> **Tribuna Suburbana**, 17 de janeiro de 1910, p. 1.

<sup>33</sup> Ernesto Nogueiro, empregado como guarda ferroviário, foi demitido por ter se envolvido em um conflito com Fernandes do Nascimento, ajudante do subdiretor da 4<sup>a</sup> divisão. Cf. SERFATY, Elaina Reoli Cirilo. *Pelos Trens dos Subúrbios: disputas e solidariedades na ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906)*. Dissertação (Mestrado), PUC Rio, Departamento de História, 2017.

<sup>34</sup> **O Echo Suburbano**, 10 de agosto de 1901, p.1.

<sup>35</sup> As informações obtidas na imprensa sobre Manoel Marques Balbino, proprietário do *Commercio Suburbano*, mostram que ele era do campo jurídico. Em uma nota no jornal *A Notícia*, de maio de 1907, vemos que Balbino era, em 1907, oficial de diligência na 13<sup>a</sup> Pretoria, no bairro da Piedade.

os interesses materiais e do comércio suburbano, demonstrando que a região se alinhava às perspectivas de progresso da conjuntura. Neste sentido, o jornal daria voz a essas expressões da modernidade e da modernização material suburbana. Em seu editorial de estreia, assinado por seu proprietário, podemos ler: “A imprensa leva aos quatro cantos do mundo civilizado a notícia do Progresso nas Ciências, Artes e Letras, caminhando impávido, a seu lado, como bons camaradas, quase xifópagos”<sup>36</sup>.

O surgimento da imprensa suburbana caracteriza, através das letras, o progresso evidenciado pela parcela letrada dessa sociedade em construção no processo de estabelecimento da República. Através dessas páginas é que se exaltam as características dessa “linha de frente” na disputa pela valorização dessas áreas da cidade que se expandiam e se desenvolviam em termos geográficos e sociais, delimitando as fronteiras do pertencimento e estabelecem seu diferencial diante da chamada grande imprensa da cidade. É assim que vemos o caso em que o *Jornal Suburbano* dá ênfase à identidade suburbana em suas características relacionadas ao seu local de origem:

Resta-nos esse consolo ao menos, a nós que vamos combater seriamente para que alguém tome a sério a existência desta parte dos subúrbios – Irajá e toda a zona que se divide com o Estado do Rio. E, conformados com a nossa própria modéstia, jornalistas roceiros, pugnados pelos interesses da roça, pedimos licença aos mestres para tomarmos parte na missão da coletividade jornalística<sup>37</sup>.

Ao usar do expediente de sua identidade “roceira”, pedindo “licença aos mestres”, o editorial do jornal citado marca posição: seus interesses estão voltados para os subúrbios, espaço marcado pela transição do rural para o urbano. O jornal de Madureira, propriedade de Victorino Tosta<sup>38</sup>,

Cf. A JUSTIÇA NO CACETE, *A Notícia*, 10 e 11 de maio de 1907, p. 2.

<sup>36</sup> **Commercio Suburbano**, 15 de maio de 1902, p. 1.

<sup>37</sup> **Jornal Suburbano**, 28 de junho de 1911, p. 1.

<sup>38</sup> Na seção “Comprimentos” do *Jornal do Brasil* de 18 de dezembro de 1903, p. 3, vemos que Victorino Tosta era funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil. Anos depois, em 31 de dezembro de 1907, o mesmo jornal mostra que Tosta é alferes do 14º Batalhão de Infantaria da

e que contava com Henrique Dias da Cruz como redator-secretário e J. Cardoso como redator-gerente, encontra eco na afirmação de Pollak, quando este diz que “nessa construção da identidade há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo”<sup>39</sup>.

As fronteiras do pertencimento que forjam o diferencial dos periodistas suburbanos são delimitadas no que acreditamos ser a construção, através da imprensa local, dessa coletividade que torna o olhar turvo da grande imprensa pelos subúrbios em um combustível na disputa pelo reconhecimento dos bairros suburbanos como também lugares em vias de se modernizar. É interessante percebermos neste ponto, como exemplo desta coletividade, a fusão do *Jornal Suburbano* com o *Echo Suburbano* em setembro de 1911, tornando-se Victorino Tosta gerente do último, permanecendo Pinto Machado<sup>40</sup> como diretor e J. Cardoso como proprietário<sup>41</sup>. Tendo Victorino Tosta e Antônio Augusto Pinto Machado em postos relevantes na diretoria do periódico, descontando para o presente artigo os articulistas e outros conteudistas, assim como o aprofundamento da natureza dessa fusão, percebemos a junção de diferentes perfis de profissionais e agentes na coordenação da produção desse periódico, o que exemplifica sua composição polifônica.

---

Guarda Nacional (p. 3), chegando a tenente nos anos seguintes, quando aparece em *A Imprensa*, de 18 de agosto de 1909, como secretário do clube Tenentes do Diabo, de Madureira (p. 4).

<sup>39</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 5.

<sup>40</sup> Segundo Cláudio Batalha, Antônio Pinto Machado foi operário tecelão, gráfico, repórter, jornalista, Capitão da Guarda Nacional e suplente de delegado de Polícia. Teve participação ativa no movimento operário carioca e na reorganização da União Operária do Engenho de Dentro, a qual presidiu de julho de 1903 a início de 1909. Participou da comissão organizadora do 1º COB, em abril de 1906, no qual representou o Centro Artístico Cearense, defendendo a proposta derrotada de criação de um partido político operário. Cf. BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes(org.). **Dicionário do movimento operário:** Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 131.

<sup>41</sup> MYISAKA, Cristiane Regina. **Viver nos Subúrbios:** a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890 – 1910). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011, p. 63.

Demarcando território a partir de uma coletividade suburbana da imprensa carioca do período, percebemos igualmente o uso contínuo nos editoriais desses jornais locais os termos “progresso” e “civilização”, o que mostra uma clivagem entre a preocupação em exaltar as potencialidades suburbanas que rompiam com a visão de atraso, e até mesmo com o passado rural local. Percebe-se um esforço de múltiplos agentes nessa empreitada, a ponto de essas publicações, ao longo dessas duas primeiras décadas do século XX, abrirem espaço em suas páginas para que também fosse debatido questões nacionais. Tal atitude pode ser entendida como sendo também uma mostra de que a coletividade de agentes locais se preocupava com os rumos pelo qual tomava o país.

Vemos, de forma marcante na *Revista Suburbana*, de 1918<sup>42</sup>, um posicionamento contundente sobre política. É compreensível, se deparamos com o histórico atuante no jornalismo, no meio operário e político de seu proprietário, José Roberto Vieira de Mello<sup>43</sup>, que a revista abre espaço em suas páginas para lidar com assuntos relativos à política local e nacional. Enquanto alguns jornais afirmam ser imparciais, a revista se posiciona e anuncia, por meio de seu proprietário, que “o programa da *Revista Suburbana* é este: resistir à desordem que existe em quase tudo e constitui a nota característica do momento brasileiro”<sup>44</sup>.

Dentro desta perspectiva, a revista se posiciona no que Mônica Pimenta Velloso descreve como característico do período que sucede a Primeira Guerra Mundial:

---

<sup>42</sup> São quatro as revistas que levam esse nome. Lançadas nos anos de 1906, 1918, 1922 e 1933, as publicações homônimas estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital. Apenas a publicação de 1906 não se encontra na plataforma.

<sup>43</sup> José Roberto Vieira de Mello foi delegado na União Operária do Engenho de Dentro e redator do jornal Correio da Noite. Além de proprietário da Revista Suburbana que circulou em 1918, foi diretor da *Gazeta Suburbana* ao longo da década de 1910. Anos antes, Vieira de Mello foi também eleito presidente do *Grêmio de Madureira*, sociedade dramática que atuava no bairro (*Jornal do Brasil*, 9 de dezembro de 1903, p. 2).

<sup>44</sup> **Revista Suburbana**, 6 de julho de 1918, p. 2.

No pós-guerra modifica-se radicalmente a maneira de se pensar o Brasil. A visão da nacionalidade e da arte como força primitiva, espontânea, indomável e marcada, particularmente, pela ideia da inferioridade étnica não se sustentava mais. (...) Essa onda de nacionalismo era reflexo do contexto internacional que anuncjava o declínio da cultura europeia e a aurora do novo mundo, representado pela América<sup>45</sup>.

É como também age a *Revista Suburbana* lançada em 1922<sup>46</sup>. Em seu número de estreia, se expressa não apenas a importância e papel da publicação sob as influências da busca pelo progresso e a consequente civilização desejada, como também um posicionamento avesso aos interesses internacionais que rondavam o país:

Lançar ao vórtice da publicidade um órgão ilustrado da natureza da “Revista Suburbana” não é coisa de somenos importância. Todavia, é como se abrissemos para intérminos horizontes uma nova porta à luz, à civilização e ao progresso. A continuidade de esforços inteligentes, a abnegação dos que se vão empenhar na luta contra os vendilhões da pátria, aparelhados e assíduos, para um único fim, e que é o soerguimento da obra ciclópica dos pioneiros de 1822, completarão o milagre de se não desperdiçar a ação nervosa, incisiva e pronta dos diretores da “Revista Suburbana”<sup>47</sup>.

Segundo os editoriais aqui observados, o estabelecimento de uma imprensa local é um dos símbolos do progresso do subúrbio carioca e seu trilhar nos caminhos da civilização. Sendo outra importante expressão desses rumos que tomavam os bairros suburbanos,, o comércio era sinônimo de orgulho. Dentro das fronteiras do pertencimento que afirma

<sup>45</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). **O tempo do liberalismo oligárquico:** da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889 1930). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 296.

<sup>46</sup> Não podemos afirmar se há ligações entre esta revista com as anteriores, nos termos de suas respectivas diretorias.

<sup>47</sup> **Revista Suburbana**, 20 de agosto de 1922, p. 3.

a identidade suburbana e construção de uma centralidade formada pelos principais bairros do subúrbio e sua vida intensa, destacar o comércio nestas localidades atendia aos princípios da conjuntura para a qual a capital federal estava sendo reformada. Apontar que os bairros suburbanos, tal qual os arredores da Avenida Central, oferecem um mercado de consumo para seus moradores coloca, então, o subúrbio na rota do consumismo vigente.

Os periódicos que podem mais representar essa questão na zona suburbana nos parece ser o *Progresso Suburbano* e o *Commercio Suburbano*, ambos situados no bairro da Piedade. Tendo como elo Manoel Marques Balbino, que foi redator-secretário do primeiro e redator e proprietário do segundo, dão notoriedade à classe comercial e seus estabelecimentos.

O desmembramento dos títulos se deu em um espaço de cerca de dois meses e meio. Além disso, a junção “progresso” e “comércio” em ambos os títulos, ladeados pela identidade “suburbano”, corroboram nossa percepção de um esforço de mostrar que o emergente subúrbio se alinhava ao progresso por meio do seu pujante comércio. A decisão de criar uma folha para cada questão reforça a preocupação militante de mostrar que no subúrbio preocupavam-se em posicionar a região nos caminhos da modernidade através das transformações promovidas por seus agentes.

O primeiro destaca seu intuito de fazer conhecida a potencialidade do comércio suburbano, “a fim de lhe dar impulso e desenvolvimento para que possa nivelar-se ao do centro comercial”<sup>48</sup>. A busca pela valorização do comércio suburbano a fim de torná-lo reconhecido a ponto de ser um diferencial no progresso da cidade é objetivado no segundo título, que ostenta o comércio em seu nome e diz ter se apartado do primeiro em decorrência da necessidade de dar maior destaque ao comércio local:

Apresentamo-nos, pois, a esse público inteligente, digno e independente, particularizando o comércio, essa classe de trabalhadores infatigáveis, cuja posição, por melindrosa em sua natureza, requer o máximo critério, a mais elevada consideração. (...) Eis porque, em geral, os jornais se consagram ao Comércio,

<sup>48</sup> **Progresso Suburbano**, 2 de março de 1902, p. 1.

dedicando-lhe um cuidado todo particular, tornando conhecidos seus artigos, já nos caricatos reclames, já na bem lançada crônica, já em uma notícia circunstanciada, já, enfim, num bem elaborado artigo de fundo. Mas, se é verdade que falamos do Comércio em geral, restringimos nosso devotamento ao Comércio Suburbano, tomando-o no seu conjunto, para título do nosso modesto jornal. Deixamos, mui voluntariamente, e de comum acordo a parte honrosa que, de modo imerecido, ocupamos n'*O Progresso Suburbano*, para levantar nossa tenda à sombra do Comércio Suburbano que, dia a dia, se desenvolve, tornando-se da Cidade do Rio de Janeiro uma poderosa parcela, cuja importância, em futuro muito próximo, pesará consideravelmente nos seus destinos<sup>49</sup>.

É claro nos trechos dos dois jornais o quanto constroem em torno do comércio suburbano um contraponto ao centro da cidade. No primeiro caso, a ode feita ao comércio suburbano como fator de progresso da região tem como objetivo um nivelamento entre as duas zonas comerciais. No segundo, vemos que não apenas há uma decisão de construir um jornal focado apenas na questão do comércio suburbano, como também há o intuito de dignificá-lo e elevá-lo ao ponto de tratar como “uma poderosa parcela” que pesará no progresso comercial da capital.

Outro exemplo de periódico que dá ênfase ao comércio suburbano é a *Gazeta Suburbana*. Em seu editorial de estreia, o título surge trazendo em seu a afirmação de que desponta no cenário jornalístico suburbano “para trabalhar pelos subúrbios”, tendo como finalidade principal “os melhoramentos e reformas necessárias”<sup>50</sup>. Inicialmente de sociedade anônima, traz em sua primeira página alguns colaboradores efetivos, como o Major Dr. Moreira Guimarães, Capitão Américo de Albuquerque, Dr. Álvaro Reis e Dr. Franklin Guedes<sup>51</sup>. No ano seguinte, seu corpo editorial era composto por Ernesto Mattoso, J. Luiz Anesi e Alcebiades A. Mello<sup>52</sup>.

<sup>49</sup> **Comercio Suburbano**, 15 de maio de 1902, p. 1.

<sup>50</sup> **Gazeta Suburbana**, 8 de setembro de 1910, p. 1.

<sup>51</sup> Idem, ibdem.

<sup>52</sup> Não conseguimos maiores informações precisas sobre Ernesto Mattoso, mas sobre João Luiz Anesi e Alcebiades A. Mello vemos, no **Almanak Laemmert**, ambos como trabalhadores no

Já no fim da década de 1910, seus redatores-chefes são, em 1919, Manfredo Liberal<sup>53</sup>, e em 1920, José Roberto Vieira de Mello.

Mesmo tal afirmativa não diferenciando de outras publicações da zona suburbana, o editorial de estreia da *Gazeta Suburbana* traz informações importantes sobre o comércio da região. Exalta, por exemplo, a procura pelo comércio suburbano como consequência do aumento populacional da cidade. Vejamos os trechos na íntegra:

Com o progressivo aumento da população do Distrito Federal, como grande desenvolvimento do nosso comércio, os subúrbios, outrora abandonados e desprezados, tornaram-se ultimamente procurados e conhecidos.

Tudo tem aumentado nos subúrbios: a população, o comércio, a indústria. Tão grande é o desenvolvimento atual da zona suburbana que quase todos os jornais diários viram-se na necessidade de, ao noticiário geral, acrescentar um suplemento consagrado unicamente aos subúrbios.

Apesar, porém, deste desenvolvimento patente, os subúrbios continuam desprezados da parte das autoridades municipais; enquanto a renda da Prefeitura é empregada em melhoramentos da zona urbana e dos arrabaldes chics, os subúrbios vivem no mais completo abandono<sup>54</sup>.

Vimos no censo de 1906 que as freguesias de Inhaúma e Irajá já despontavam como aquelas que mais tiveram crescimento demográfico na capital. Assim como o surgimento de uma imprensa atuante nas localidades suburbanas surge como um fator do progresso visto pelos seus jornalistas, o comércio, como consequência dessa expansão urbana rumos aos subúrbios e o resultado disso na figura do aumento populacional, é tido no trecho

---

endereço Avenida Central, 125: Anesi aparece na lista “Empregados, gerentes, etc., de casas comerciais, de bancos, etc.” (**Almanak Laemmert**, 1910, p. 827); Mello aparece na lista de “Guarda-livros, auxiliares ou ajudantes de; e empregados em escritório” (**Almanak Laemmert**, 1909, p. 938).

<sup>53</sup> Mafredo Liberal foi redator no Jornal do Povo e no jornal A Imprensa.

<sup>54</sup> **Gazeta Suburbana**, 8 de setembro de 1910, p. 1.

destacado como um ponto de atenção ao progresso do subúrbio carioca. Seu desenvolvimento é tamanho que, segundo a publicação, os grandes jornais não puderam mais ignorar a região, dando-lhe espaço em suas páginas.

A *Revista Suburbana* de 1922 traz um exemplo da contundência da exaltação de um processo de construção de uma centralidade. Em suas linhas, o Méier é considerado “a capital da zona suburbana”. Ao mobilizar a ideia de que o bairro representa uma capital dentro da região que crescia, coloca em pé de igualdade com o centro urbana e a importante e grandiosa Avenida Rio Branco – anteriormente denominada Avenida Central, grande símbolo da Grande Reforma Urbana. A revista é taxativa: “Poder-se-ia aqui viver dez ou mais anos sem ir à Avenida, que o curso normal da nossa vida jamais deixaria de ver esse ritmo perpétuo de todos os dias”. Como característica de sua centralidade, o comércio também é exaltado: “tem sua vida diurna rumorosa e febril com seus pregoeiros de mil e um negócios”<sup>55</sup>.

Outro elemento que podemos; uma imagem que, como diz Pollak, não é isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. Essa construção “é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”.

Na dialética de confronto entre as potencialidades comerciais da região central da cidade – que ainda não passara pela Grande Reforma Urbana no período de escrita do *Commercio Suburbano* e do *Progresso Suburbano* – com o destaque dado à pujança do comércio suburbano, é ativada na busca pela identidade social suburbana, surgindo como uma ferramenta que dá contornos de valorização ao comércio local tendo como referência o Outro. A *Revista Suburbana* de 1922 mobiliza na afirmação de o Méier ser a capital da zona suburbana a construção de uma centralidade a partir da experiência com o local. Neste caso, a Avenida surge como “o Outro” na equiparação dos espaços da cidade, possibilitando o nivelamento que permite a construção de si, para si e para os outros. O Méier é, então, uma

<sup>55</sup> **Revista Suburbana**, 20 de agosto de 1922, p. 13.

centralidade que aglutina as necessidades imediatas da população suburbana, quando o produtor da revista fala de seu local e utiliza elementos para justificar tal comparação. Como diz Pollak: “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”<sup>56</sup>.

Se o comércio aparece como uma alavanca que elevaria o subúrbio ao patamar merecido de participação no progresso da capital federal, o trabalho que dele provinha, a classe laboriosa que nele servia, assim como outros operários que viviam nos bairros centrais da região suburbana, era motivo de exaltação. O trabalho, ligado ao progresso material, tem espaço nesses periódicos como um elemento de condução do subúrbio à pretendida civilização.

Identificamos esse exemplo no jornal *Progresso Suburbano*, que faz uma ode aos trabalhadores como verdadeiros produtores dos intuiitos teóricos do progresso e da civilização:

Ave, obreiros do progresso! Fatores diretos de todas as maravilhas da ciência, de todos os engenhos da arte. Sem o vosso precioso concurso, as fábricas não trabalhariam, as oficinas não se abririam, os mais grandiosos e surpreendentes inventos não sairiam dos domínios da teoria para a utilidade prática. Nada se move sem o vosso auxílio, pois sois a *alma mater* da civilização!<sup>57</sup>

A luta em torno das melhorias de condição de vida cresce ao longo da década de 1910. Sendo a *alma mater* da civilização que se construía na capital federal, o operariado ganhava força na imprensa suburbana. O *Echo Suburbano*, em 1911, marca sua posição ao lado dos trabalhadores do matadouro de Santa Cruz e reivindicava melhorias nas condições de trabalho e de vida daqueles que tiravam seu sustento do local:

<sup>56</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 5.

<sup>57</sup> **Progresso Suburbano**, 2 de março de 1902, p. 1.

Os operários, verdadeiros produtores da riqueza nacional, merecem; têm direitos ao reconhecimento dos governantes. Fatores de tudo que representa o progresso e o bem-estar, são, no entanto, os únicos que nada têm por si e para si. É que fabricam os gozos para os outros, deixando a miséria para as suas famílias...<sup>58</sup>

Parece-nos estranho quando observamos o apoio destes jornais à causa operária, ao colocarmos as experiências de nosso tempo como parâmetro de análise. Vale lembrar aqui que mostramos aqui que estes periódicos suburbanos eram compostos por homens de diferentes perfis profissionais, dentre eles militares de alta patente. Ora, é surpreendente para nós, mergulhados na polarização política de nossos dias, vermos militares ao lado de operários numa causa de busca por melhorias de vida, com pautas que podem ser lidas como reivindicações políticas de esquerda. Mas, como afirma Rafael Cardoso, “no início do século XX, anos antes da Revolução Russa, não havia binarismo que contrapõe refinamento artístico a radicalidade política”<sup>59</sup>.

A preocupação destas páginas como progresso do subúrbio clamava a união das três potencialidades que aqui nos dedicamos a observar. E, anos mais tarde, a *Revista Suburbana* de 1918, já em contexto pós-guerra e pós-Revolução Russa, abre espaço para uma seção voltada aos operários. Pinto Machado escreve na revista, constatando um perfil socioespacial da região: “Todos sabem que é na zona suburbana que vivem em sua maioria os operários das várias indústrias particulares e do Estado”<sup>60</sup>. Suas palavras no periódico de propriedade de José Roberto Vieira de Mello nos dá a oportunidade de perceber as relações que eram construídas entre esses personagens e sua atuação sobre o subúrbio, em especial através das classes operárias. E descreve o intuito da seção:

<sup>58</sup> **Echo Suburbano**, 20 de agosto de 1911, p. 1.

<sup>59</sup> CARDOSO, Rafael. **Modernidade em preto e branco**: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 162.

<sup>60</sup> **Revista Suburbana**, 15 de setembro de 1918, p. 13.

Para auxiliar todas as conquistas nobres do operariado, para estarmos ao lado do Trabalho, para a estabilidade da paz entre os homens, esta seção aqui está, entregue aos próprios interessados que sobre assuntos que lhes digam respeito terão liberdade ampla, podendo atacar hábitos e costumes, sem, no entanto, descerem ao terreno pessoal<sup>61</sup>.

As “conquistas nobres do operariado” ganham eco na revista, que surge em contexto pós-conflitos. Se anos antes uma ode à classe operária a coloca como motor das transformações que enobrecem a pátria e levam o subúrbio nos rumos da civilização, nesta conjuntura às conquistas são reconhecidas nesse espaço de tempo. O operariado passa a ser mobilizado na imprensa suburbana junto da presença dos elementos nacionais; as referências europeias não são mais parâmetro, em especial depois da Grande Guerra. A *Revista Suburbana* de 1922, em sua seção “Vida Operária” informa que estava criando esse espaço “para as classes trabalhadoras” e que, com isso, “não fazemos mais do que prestar homenagem ao progresso e desenvolvimento do Brasil, que, como todas as demais nações, têm no operário o seu principal elemento para vencer”. Alguns parágrafos depois, as palavras nos levam a crer que a página era escrita também por Pinto Machado, se compararmos os dizeres com a revista anterior que aqui trouxemos. Vejamos:

Constituimo-nos por assim dizer em órgão oficial dessa mesma classe, pondo à sua disposição esta página, onde todos podem colaborar expondo suas ideias. Pretendemos unicamente interessar o proletariado suburbano nesta seção, não permitindo que ninguém, individualmente, seja atacado, mas que as associações de classe ou mesmo um núcleo composto de vários operários, ou cada um de per si, se defenda das violências ou arbitrariedades das autoridades constituídas<sup>62</sup>.

Operários, comerciantes, militares, advogados e jornalistas mobilizam-se para construção dessa identidade social suburbana através de suas

---

<sup>61</sup> Idem, ibidem.

<sup>62</sup> **Revista Suburbana**, 20 de agosto de 1922, p. 23.

reivindicações. A conjunção desses diferentes perfis socioeconômicos quebra a homogeneidade pensada a respeito do subúrbio, como mostra Victor Andrade de Melo:

De fato, gente de setores populares e médios foi viver nos lotamentos construídos nas antigas propriedades rurais, processo que se intensificou em função da progressiva instalação de empreendimentos comerciais, mais notável a partir das décadas iniciais do século XX, bem como iniciativas industriais. (...) Essas iniciativas também atraíram para morar na região famílias de estrato socioeconômico mais alto. Paulatinamente, se conformaram elites/lideranças locais formadas por industriais, comerciários, intelectuais, profissionais liberais, funcionários públicos, militares de patente superior, gente que foi fundamental para o desenvolvimento de bairros que historicamente receberam menor atenção dos poderes governamentais<sup>63</sup>.

Com os exemplos aqui apresentados, observamos uma mobilização de elementos a partir do subúrbio carioca para mostrar que, mesmo vistos como espaços desprezados pela municipalidade, aderiam e se apropriavam das expressões da modernidade. A imprensa, como símbolo do progresso e de civilização, tem importante papel nos bairros suburbanos não apenas mostrando que a região se modernizava, mas também exaltando uma identidade social local. Delimitava, assim, ferramentas que marcavam a importância dos bairros suburbanos no desenvolvimento da cidade e do país.

Como plataformas do progresso, suas páginas exaltavam o comércio local, dando-lhe peso e até mesmo equiparando com o comércio da região central. Do outro lado, mostrava o valor da classe operária que vivia nos subúrbios e sua importante contribuição para o progresso do país e na construção da civilização brasileira. Dessa forma, a imprensa suburbana servia como “guarda-chuva” dessas expressões que se desenvolviam nos e pelos subúrbios. Suas visões de progresso e civilização corriam consoantes com os ideais materialistas de rompimento com o passado, prezando pela

<sup>63</sup> MELO, Victor Andrade. Cidade expandida: estudo sobre o Esporte nos subúrbios cariocas. Rio de Janeiro: ed. 7 Letras, 2022, p. 20.

harmonia social e a ordem. O comércio transformava e desenvolvia os bairros, tornando-os movimentados e pontos de atração da população de outras áreas da cidade. O operariado suburbano materializava as ideias com a força de seu trabalho e, assim, impulsionava o país rumo à pretendida civilização.

## Considerações finais

Alguns elementos das perspectivas de progresso e civilização que atravessam a imprensa suburbana da Primeira República trazem a possibilidade de encarar de outras formas as apropriações das modernizações levadas adiante nas reformas urbanas que transformaram a cidade do Rio de Janeiro na primeira década do século XX. As localidades da capital federal distantes das áreas centrais moldam e expressam à sua maneira suas visões de civilização e progresso, envolvendo-se, a sua maneira, na conjuntura material e imaterial da *belle époque* carioca. Desta forma, podemos ver que, sob movimento de buscar equiparar e comparar a centralidade suburbana com a centralidade da capital, a exaltação dos caminhos suburbanos rumo à modernidade e à modernização nos apresentam elementos para os quais podemos abarcar na proposta de uma *belle époque suburbana*. Respondemos, assim, ao que Rafael Cardoso mostra, no caso da heterogeneidade das questões da modernidade:

As evidências em nível mundial apontam para a existência de uma série de modernismos alternativos, que se entrecruzam e se sobrepõem a partir da década de 1890, se não antes, para constituírem juntos um campo ampliado de trocas modernistas. Cada uma das diversas partes não comunga necessariamente de todas as qualidades formais, pressupostos teóricos ou estruturas sociológicas que caracterizam o restante; e toda tentativa de reduzir a pluralidade de exemplos a uma narrativa única resulta necessariamente em simplismo<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> CARDOSO, Rafael. Modernidade em Preto e Branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 17.

Os subúrbios cariocas, assim, emergem na cena de disputa das formas e conteúdo da cidade na construção do perfil idealizado da “Cidade Maravilhosa”, sendo parte de um espaço em constante mudanças. Como principais características desses movimentos de transformação, figuram, como vimos, uma imprensa militante em prol da identidade social suburbana; um movimento e pujante comércio, e operários que residiam naqueles bairros. Esses elementos, como vimos, se conectam e compõem um importante campo de disputa e reivindicação na cidade, a partir dos emergentes bairros suburbanos.

Os ideais mobilizados pela imprensa suburbana articulam diferentes símbolos e significados que contribuem para entendermos as diferentes formas de se apropriar dos elementos do moderno e de seus pares – o progresso e a civilização. Agentes sociais e culturais de diferentes perfis socioeconômicos conjugam seus ideais para guiar o antigo rumo à modernidade que se impõe na cidade, utilizando as letras como ferramenta política para ter nos subúrbios sua *belle époque*; uma “bela época” única que, na busca por se totalizar, entendia que as localidades precisavam não apenas de melhoramentos, como também tinha a contribuir para o progresso da capital federal e do país.

Essas incompletudes visíveis e narradas nas páginas mostram como os subúrbios cariocas podem ser lidos como a tradução daquele período: a urbanização de áreas rurais que buscava romper com aquele passado, dando traços modernos através do progresso. A materialidade que rompia com a paisagem prévia era narrada pela sociedade letrada com intuito de propagandear para a população local o que os subúrbios estavam se tornando ao se apropriar, à sua maneira, da modernidade.

Sendo assim, verificamos, como proposta parcial de uma pesquisa de doutorado ainda em processo, que a modernização da cidade do Rio de Janeiro proposta pela Grande Reforma Urbana não atingiu a cidade de forma homogênea. Dessa forma, estão abertas possibilidades de observação sobre como impactou os diferentes pontos da cidade e suas populações, que constroem suas identidades e transitam por esses ideais de progresso e civilização da forma que lhes convém apropriá-los.

## Fontes

*Almanak Laemmert* (1909-1910)

*Commercio Suburbano* (1902)

*O Echo Suburbano* (1901)

*Echo Suburbano* (1911)

*Fon Fon* (1908)

*Gazeta Suburbana* (1910)

*A Imprensa* (1909)

*Jornal do Brasil* (1903)

*Jornal Suburbano* (1911)

*A Notícia* (1907)

*Progresso Suburbano* (1902)

*Revista Fon Fon* (1907)

*Revista Suburbana* (1918)

*Revista Suburbana* (1922)

*O Subúrbio* (1907)

*Tribuna Suburbana* (1910)

IBGE. *Recenseamento do Distrito Federal*: realizado em 20 de setembro de 1906. Disponível em: [ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv49678.pdf](http://ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv49678.pdf).

*Manifesto Inaugural de Francisco de Paula Rodrigues Alves*, 15 de novembro de 1902. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/rodrigues-alves/discursos/Rodrigues%20Alves%20-%20Manifesto%20Inaugural%201902.pdf>

## Referências

- AZEVEDO, André Nunes. *A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as Ideias de Civilização e Progresso*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Mauad X, 2016.
- AZEVEDO, André Nunes. As noções de progresso do Império à República: transformações recônditas em uma mesma terminologia. *Outros Tempos*, vol. 13, n. 22, 2016.
- BATALHA, Cláudio Henrique de Morais(org.). *Dicionário do movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- CARDOSO, Rafael. *Modernidade em Preto e Branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CHAVES, Vânia Pinheiro (coord.). *Flagrantes da Literatura Brasileira da Belle Époque*. Lisboa: Ed. Esfera do Caos, 2013.
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889 1930)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 7<sup>a</sup> ed., 2013.
- MATHEUS, Letícia Cantarela. A imprensa dos subúrbios (1900-1920). *Contracampo*. Niterói (RJ), v. 35, n. 3 dez/2016-mar/2017.
- MELO, Victor Andrade. *Cidade expandida: estudo sobre o Esporte nos subúrbios cariocas*. Rio de Janeiro: ed. 7 Letras, 2022
- MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. *Tempo*, nº 26, vol. 13, jan. 2009.

MENDONÇA, Leandro Climaco. Nas margens dos trilhos, da cidade e do poder: imprensa suburbana na cidade do Rio de Janeiro, 1889-1940. *Escritas*. v. 7, n.1, 2015, p. 44-64.

MENDONÇA, Leandro Climaco. *Jornalismo como missão: militância e imprensa nos subúrbios cariocas, 1900-1920*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense. Instituto de História, 2017.

MYISAKA, Cristiane Regina. *Viver nos Subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma* (Rio de Janeiro, 1890 – 1910). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011.

PINHEIRO, Luís da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques (orgs.). *A Belle Époque Brasileira*. Lisboa: CLEPUL – Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

PINSKY, Carla Bassanesi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2º ed., 2008

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992.

RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

SERFATY, Elaina Reioli Cirilo. *Pelos Trens dos Subúrbios: disputas e solidariedades na ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906)*. Dissertação (Mestrado), PUC Rio, Departamento de História, 2017.

Recebido em: 07/08/2024.

Aceito em: 17/11/2024.